

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: PIX- Quarup/Vistas

Data: 20/08/85

Pg.: 719



Os ministros Pazzianotto, Costa Couto e Aluísio Pimenta receberam um cocar de Raoni

Xingu abre aldeia para a cerimônia do Quarup

IAUALAPITI, ALTO XINGU (Do enviado especial José Waldemar) — Esta aldeia de apenas oito malocas, onde vivem pouco mais de uma centena de nativos, viveu neste último fim de semana os dois dias mais movimentados de sua história, quando recebeu a visita de estranhos de outras raças, pela primeira vez em número superior à de sua população, e mais outra centena de habitantes de outras aldeias do Xingu, convidados para o torneio da luta do "Huka-Huka" e para o ritual do Quarup.

Nunca tantos estranhos haviam pisado a aldeia de uma só vez como no sábado e no domingo, quando jornalistas brasileiros e estrangeiros, pela primeira vez, tiveram oportunidade de documentar, com liberdade quase absoluta, toda a pompa, toda a beleza e toda a mística das cerimônias do Quarup, uma homenagem aos mortos, representados no ritual por troncos de árvores cortados pelas famílias que querem prantear um luto recente ou mesmo lembrar a memória de um antepassado.

Ao contrário das celebrações anteriores, quando as aldeias do Alto Xingu não costumavam convidar estranhos às suas 17 tribos, os indígenas abriram as portas dos 26.420 quilômetros quadrados que compõem a reserva, quase do tamanho do Estado de Alagoas, para que os meios de comunicação pudessem registrar para todos os países a abertura de uma nova etapa nas relações políticas dos indígenas com o governo, marcada pelas conversações com os ministros do Interior e da Cultura, Ronaldo Costa Couto e Aluísio Pimenta, respectivamente. Estava presente também à cerimônia o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, cujo nome foi dado ao filho cacula do cacique Aritana.

O ministro Aluísio Pimenta chegou à aldeia Iaualapiti ao meio-dia de sábado e se hospedou na maloca do cacique Aritana, que nada tem de diferente das outras sete da tribo. Nela moram outros membros do clã, num espaço de mais ou menos 80 metros quadrados, sem divisões internas. Cada maloca abriga em torno de 30 índios, que dormem em redes amarradas às vigas de madeira que sustentam a armação da cobertura de palha.

Aluísio Pimenta disse que "o enfoque do Ministério da Cultura sobre o problema indígena não é nem será paternalista, mas voltado totalmente para sua autodeterminação". Acentuou que "afinal, o índio é o nosso primeiro e grande patrimônio, assim como as etnias negra e ibérica".

"Os que pensam que a visita dos ministros da Nova República e da imprensa ao Quarup será carnaval, folclore, puro divertimento, estão enganados", disse o ministro da Cultura ao receber os cumprimentos dos caciques Aritana (dos Iaualapiti), Prepori (dos Kaiabi), e Raoni (dos Txukarramãe). "Na realidade, o que acontece é uma inédita integração cultural de alto nível, que terá positivos reflexos políticos entre os 200 mil índios brasileiros e o governo do presidente José Sarney".

No domingo, logo ao saltar do avião que o levou ao Xingu, o ministro Costa Couto recebeu queixas de Raoni, o cacique que mais sofre com as invasões de terras pelos grileiros, tanto que sua tribo já foi até deslocada da terra natal para ser apresentada no Parque do Xingu. Raoni disse ao ministro, depois de saudá-lo: "Sua raça é esquisita, seu povo é muito chato, é muito difícil conversar com vocês. Meu povo quer verdade, meu povo não quer briga, quer ser alegre e amigo do povo da cidade. Ainda tem fazendeiro ameaçando invadir a terra do índio.

Meu povo não quer, mas vai ter guerra se o fazendeiro entrar". Ronaldo Costa Couto procurou tranquilizar Raoni, assegurando que já estão liberados os recursos para indenização dos fazendeiros que chegaram a implantar benfeitorias ao preparar o solo para as roças em terras indígenas. Antes que Raoni terminasse a alegação de que "esta conversa é velha", o ministro emendou afirmando que "os recursos estão liberados e o dinheiro já está em caixa, liberado pelo presidente Sarney".

Quando Costa Couto deu razão a Raoni de estar preocupado com a possibilidade de uma guerra, o cacique não entendeu bem as palavras e retrucou que "índio não tem medo de guerra". Diplomáticamente, o ministro fez a emenda, explicando que sabia que os índios não têm medo de guerra, mas entendia que Raoni estivesse preocupado com os problemas e as consequências que um conflito poderia trazer tanto para os índios como para os fazendeiros".

Orlando Villas-Boas, que conhece as tribos do Xingu desde a época da instalação, em plena selva, das primeiras estações de rádio para o apoio das rotas aéreas, revive as emoções e a magia do Quarup, assegurando que o ritual conserva até hoje a sua concepção primitiva, "desfigurado apenas, desta vez, pela presença de muita gente". O sertanista, contudo, aceitou o fato com naturalidade, justificando que "este tesouro cultural do indígena brasileiro precisa ser difundido e não há outra forma de fazê-lo senão trazendo os jornalistas para retratá-lo em toda sua grandeza".

Villas-Boas enalteceu o papel da imprensa na valorização do índio na opinião pública. Lembrou que, antes do marechal Cândido Rondon, os índios eram vistos como animais que vagavam pelas matas destruindo a flora e a fauna, "e éramos induzidos a matá-los como se fossem bichos, como se não fossem humanos como nós". Ao contrário, observou Villas-Boas, "o índio convive com a natureza sem violentá-la, sobretudo porque vive o presente, sem que preocupar um só instante com o amanhã, e assim não avança sobre nada". Segundo o sertanista, "a vida do indígena corre como um regato e tem um curso absolutamente natural. Esta filosofia de vida, esta ordem econômica singular, esta organização política sem limitações de qualquer espécie, como exemplo para a chamada civilização, só pode crescer no conceito das demais sociedades se contar também com a projeção que receber da imprensa".